



HAL
open science

Um regalo para história. A câmera de um "tigre do Saara" retrata tempos de escuridão na república oriental del Uruguay

Marco Antônio Vargas Villalobos

► **To cite this version:**

Marco Antônio Vargas Villalobos. Um regalo para história. A câmera de um "tigre do Saara" retrata tempos de escuridão na república oriental del Uruguay. Encuentro de Latinoamericanistas Españoles (12. 2006. Santander): Viejas y nuevas alianzas entre América Latina y España, 2006, s.l., España. pp.1178-1188. halshs-00104167

HAL Id: halshs-00104167

<https://shs.hal.science/halshs-00104167>

Submitted on 6 Oct 2006

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

UN REGALO PARA HISTORIA. A CÂMERA DE UM “TIGRE DO SAARA” RETRATA TEMPOS DE ESCURIDÃO
NA REPÚBLICA ORIENTAL DEL URUGUAY.

Marco Antônio VARGAS VILLALOBOS
Pontificia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Universidade Luterana do Brasil
marcovargas450@hotmail.com
villa@redemeta.com.br

RESUMEN: Hablar en la historia visual del período anterior al golpe de Estado de 1973, especialmente a partir de 1967 con la asunción a la Presidencia de Pacheco Areco y el inicio de la “Dictadura Constitucional” es hablar en Aurélio González. El fotógrafo nacido en Marruecos en la época del protectorado español, llegó a Uruguay como polizone en un transatlántico de lujo, a inicios de la década de 1950. Desde 1957 registró en la páginas de El Popular, diario comunista, los episodios que llevaron la “Suiza de América” a una brutal dictadura. Como premio a una vida de periodismo comprometido el “Tigre Aurélio” encontró después de mucha búsqueda, un tesoro escondido hacía 33 años. Inquieto, romántico, corajudo, este gigante de la dignidad periodística en un acción digna de los grandes filmes de aventuras, rescato a inicios de 2006 más de 30 mil fotografías que registran un período importante de la historia colectiva de un pueblo , ayudando con su incansable trabajo la construcción de la identidad política y social de todos los uruguayos.

Palavras-chave: Ditadura no Uruguai, História e Jornalismo, Jornalismo de Oposição, Exílio Político.

Cinco de maio de 1965. Enquanto um grupo de manifestantes protesta contra a intervenção norte-americana apoiada por tropas brasileiras em Santo Domingo, na América Central, a intolerância desfila pelas ruas de Montevidéu. Contra a truculência das armas apenas a sutileza de um clique. Atrás da máquina fotográfica que registra a repressão está Aurélio González Salcedo, o mais implacável fotógrafo da história do Uruguai.

“Yo salí para sacar la foto. Cuando el inspector José Luis Tellechea me vió disparó su revólver. Yo me tiré al suelo, pero saqué la foto y logré registrarla en un borde del negativo. Yo fotografíe la persona que me disparó”¹

O policial errou o alvo e a foto foi publicada em uma revista na União Soviética, contabilizando para o já lendário fotógrafo, outra situação de uma vida em que muitas vezes a realidade imitou a ficção.

A falta de perspectivas em uma Espanha empobrecida, aliada a uma posição familiar radicalmente contrária à ditadura instaurada pelo Generalíssimo Francisco Franco presentearam o jornalismo latino-americano com o jornalista que, com suas ações cinematográficas, transformou-se em modelo de profissionalismo e dignidade para várias gerações de fotógrafos.

Filho de um militar originário da Extremadura e de uma dona-de-casa andaluz Aurélio González nasceu em 14 de novembro de 1931 no pequeno povoado de Uad Lau, norte do Marrocos, na época um protetorado espanhol. Do outro lado do mundo, o Uruguai, país que vai há pouco tempo fazer parte de sua vida começa a viver uma grande crise. Depois de vários anos de crescimento significativo sustentado pelo capital produtivo, especialmente do setor pecuário que se integrou cedo à dinâmica dos negócios internacionais, enfrentava uma forte retração causada pelo *crack* da bolsa de Nova Iorque. As excepcionais condições naturais uruguaias que favoreciam a criação de gado, aliadas à crescente demanda externa que sustentaram esta etapa da vida nacional, sentiram os efeitos do “terremoto” na economia mundial.

Para um espanhol, os problemas naquela época eram ainda maiores. Além da questão econômica existia o flagelo da Revolução. A infância de Aurélio juntamente com seus nove irmãos foi difícil, muito pobre. A falta de recursos, especialmente após a morte do pai, fez com que a Marinha surgisse como uma opção, afinal em tempos difíceis, representava uma boca a menos na mesa. Com 17 anos foi uma nova experiência abandonada pouco tempo depois.

“Recordemos que en aquel tiempo estaba la dictadura de Francisco Franco en España; y lo militar muchas veces eran las bofetadas, los golpes, la comida escasa. Además, aunque no se podía hablar, y sólo hacíamos dentro de la casa, en mi familia ninguno era franquista. Estábamos contra el sistema entonces yo me dije: no me quedo. Mi renuncia al servicio militar la hice como protesta contra el sistema muy rudimentario todo, pero era así.” (VOCES, 29 de setiembre 2005).

Aos 19 anos mais uma vez o quartel. Desta vez, trata-se do Serviço Militar obrigatório. Nos primeiros três meses de instrução em San Fernando, perto de Cádiz e posteriormente em Las Palmas de Gran Canaria. É ali que no porto, a visão de um grande barco de bandeira italiana, o Andrea C, embala os sonhos de jovem em busca de uma nova vida. Aurélio sem qualquer dinheiro embarca como clandestino e mesmo descoberto conquista a simpatia de um oficial e vários marinheiros que convencem o Comandante a não desembarcá-lo.

Duas da tarde de quatorze de novembro de 1952, Aurélio chega ao porto de Montevidéu. O Uruguai que recebe este marroquino-espanhol é governado pelo sistema colegiado, modelo buscado na Europa por José Batlle y Ordoñez e que começou a vigorar em 1919. Presidente em dois períodos, entre 1903 e 1907 e 1911 e 1915, foi este o político que derramou sobre o Uruguai novas idéias políticas e sociais, sob um pano de fundo liberal-progressista de cunho burguês. Considerado o pai do Uruguai moderno foi exatamente o fato de ter modelado a vida política econômica e social por tanto tempo, transformou em lugar comum responsabilizá-lo pela maioria das venturas, mas também das desgraças do país. Uma delas segundo Gitli, em 1987, “foi criar um modelo sob uma base exportadora extremamente frágil dependente em grande escala das condições externas”

Esta dependência é fácil de ser constatada. Durante as duas Guerras Mundiais países com grande produção primária abasteceram os aliados. Este foi o caso uruguaio que somou grandes ganhos com as exportações circunstanciais do período, especialmente de carne e lã. A partir de 1945, com o

¹ Depoimento prestado ao autor em 17/03/2006, Montevidéu.

fim do conflito, o esforço para recuperação das economias européias canalizou grande parte do capital internacional para aquela região em detrimento das nações periféricas.

Aurélio González dá seus primeiros passos em um Uruguai que começa a entender que não tem mais recursos para pagar a conta de um estado de bem-estar social que chegou ao esgotamento. O sonho do país modelo acalentado por Batlle y Ordóñez, dissipou-se na metade de década de 50 com a diminuição da produção no campo e o esgotamento da política de substituição de importações. Isso acarretou a diminuição do Produto Interno Bruto e, principalmente, um achatamento salarial que se manteve até os anos 80².

A realidade econômica e social escancarava que aquele não era um bom momento para quem vinha de fora tentar uma nova vida. Salvo em pequenos períodos o Uruguai deixou de crescer por quase 30 anos. O desempenho da economia mostrava a deterioração do país e sua perda de status internacional. A queda foi abrupta: em 20 anos, entre 1950 e 1970, de um total de 21 países do continente, apresentou apenas o décimo nono PIB. Os preços dos produtos agropecuários caíam ao mesmo tempo em que a economia começava a conviver com variáveis preocupantes, como a inflação, que passou da média de 5% ao ano na década de 40 a um nível de 11% entre 1951-1955.

A dinâmica produtiva não reagiu, piorando o nível de vida de importantes contingentes da população. A classe média oriunda dos tempos do “Uruguai Feliz” sentiu os efeitos da recessão. Os índices, a partir de 1955, foram alarmantes: as reservas de ouro que, em 1951, chegavam a 209 milhões de dólares, ficaram negativas em 41 milhões de dólares no final de 1962.

Este é o panorama econômico que recebe González na América do Sul. O início é duro, sem dinheiro, dormindo na rua, perspectiva que muda ironicamente, com um chamado que o transporta novamente às questões espanholas.

“Un día andaba yo por la zona del puerto y veo que había un viejo mural pegado en la pared, en el que se podía leer: Hoy, reunión anti-franquista, en 18 de Julio, 1321. Esto es lo que yo estaba buscando, me dije.”³

Sujo e com fome, recebeu a solidariedade dos espanhóis que participavam da manifestação conseguindo em pouco tempo até mesmo uma pequena casa para morar juntamente com um emprego como operário da construção civil. Enquanto o grande tema político de seus compatriotas era a situação da Espanha submetida à ditadura Franquista, no Uruguai dos anos 50, já inserido na nova geopolítica da Guerra Fria, as preocupações eram outras.

GUERRA FRIA E GUERRA INTERNA

Encerrada a Segunda Guerra Mundial, derrotados o nazi-fascismo e o Império japonês, consolidaram-se duas superpotências: a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e os Estados Unidos da América. Os interesses defendidos pelas duas levaram o mundo à formação de blocos antagônicos, cujo resultado prático foi a Guerra Fria.

O fato de a Europa haver sido o principal cenário desta rivalidade não evitou que outras regiões do mundo fizessem parte dessa espécie de jogo, sendo uma delas a América Latina onde a estratégia político-militar dos Estados Unidos passou a ter como referência a hipótese de uma agressão extracontinental, com origem na União Soviética. Em 1951 o Congresso americano aprovou uma lei de segurança mútua que oferecia um programa de assistência militar para modernizar as Forças Armadas da região. Assim, entre 1951 e 1968, os Estados Unidos enviaram 500 milhões de dólares para aquisição de armamentos. Além de armas, a ajuda foi implementada sob a forma de financiamentos generosos para projetos de desenvolvimento através do programa “Aliança para o Progresso”.

O avanço comunista enchia milhares de páginas de relatórios secretos do Departamento de Estado Americano. Em março de 1950, um deles destacava que a América Latina era importante parte do sistema internacional não-comunista e fundamental elemento da posição estratégica dos Estados Unidos, em caso de guerra. O mesmo documento acrescentava:

“Las actividades de los comunistas representan nuestro mayor problema en el área y ya que ellas se están desenvolvendo deben ser miradas como un problema mayor y urgente pues ellos se

² Tomando como 100 o salário real em 1957, este índice caiu para 69 em 1973 chegando a 49,9 em 1978. Dados do Ministério da Economia.

³ Depoimento prestado ao autor em 08/04/2006.

aprovechan del fabuloso sentimiento antinorteamericano siempre presente en cada país de América Latina”⁴.

No final da década de 50, um fato novo fez com que os americanos voltassem seus olhos com muito mais cuidado e preocupação para os vizinhos do sul.

Em 1959, Fidel Castro, liderando um exército revolucionário, derrubou a ditadura de Fulgencio Batista instalando o primeiro regime comunista da América Latina, a poucos quilômetros da Flórida. O fato fez com que surgisse um novo sentido de segurança para região:

“A chegada de Fidel Castro ao poder inaugurou um período excepcional nas relações entre os Estados Unidos e os latino-americanos, dando-se um acréscimo no peso das considerações sobre segurança militar crescendo o interesse daquele país sobre a região. Em termos reais, isto representou o estreitamento da margem de autonomia dos países da região que pretendessem diversificar suas opções em termos de política internacional. Ao mesmo tempo, deu-se o acirramento da intolerância de Washington com respeito a qualquer exercício de política independente dos países que gravitavam em sua órbita de influência”⁵.

Se Fidel Castro ainda não se apresentara ao mundo como comunista, o mesmo não acontecia com Aurélio González, à época já atuando como fotógrafo, ofício que aprendeu com um velho combatente da República Espanhola que vivia no exílio uruguaio. Conhecido por todos como El Gallego, começou fotografando no jornal Justicia que fechou sendo substituído por El Popular, diário ligado ao Partido Comunista Uruguaio.

Quando o assunto era Uruguai, o temor da infiltração esquerdista preocupava os estrategistas americanos. O país, apesar de pequeno, era considerado estratégico. A irradiação de idéias comunistas a partir da fronteira com as duas principais potências regionais: Brasil e Argentina representavam apreensão para o Pentágono. Os americanos temiam que isso gerasse uma onda de protestos populares, o que realmente aconteceu quando a crise econômica violência política e o surgimento da guerrilha acabaram com tantos anos de tranquilidade⁶:

Até o final de 1967, o Uruguai apresentava todos os requisitos exigidos para ser considerado uma democracia no sentido ocidental da palavra. Havia eleições livres regularmente, todos os partidos estavam autorizados a funcionar, não existia censura à imprensa e os direitos legais eram respeitados.

Em um país de tradições democráticas, o autoritarismo só conseguiu chegar e se instalar, à uruguaia, *despació*⁷. Entre outros fatores, a democracia representativa e a vigência dos direitos civis tornaram muito difícil o trânsito até uma nova legitimidade do tipo autoritário.

A partir de 1968, as contradições internas agravaram-se e começaram a ocorrer profundas modificações na estrutura social do país ocasionando o rompimento da ordem. As Forças Armadas profissionais mudaram sua postura. Limitadas às condições de crescimento dependente, produzida a inflação e o endividamento externo e, principalmente, despertada a consciência de alguns setores populares, o enfrentamento era inevitável.

As transformações aconteceram em meio à convulsão social. A violência e a intolerância, que começaram a fermentar, surgiram de uma receita explosiva que continha os seguintes ingredientes no país: desemprego, inflação em alta e a inexistência de projetos alternativos para solucionar a crise. Todas essas variáveis vieram acompanhadas da falta de perspectivas para amplos contingentes da população.

No mesmo período, os Colorados voltaram ao poder. Uma diferença de 100 mil votos garantiu a vitória do binômio Oscar Gestido-Pacheco Areco. Eles venceram, desbancando depois de oito anos, as administrações do Partido Nacional (Blanco)⁸.

O novo Presidente assumiu em 01/03/1967, em meio a um quadro político-econômico difícil. Ele chegou com intenções reformistas, logo cortadas pelas divisões internas do partido Colorado.

⁴ FERNÁNDEZ, Wilson. *El gran culpable. La responsabilidad de los EE.UU en el proceso militar Uruguayo*. 1995, p. 38.

⁵ FROTA, Luciana Silveira Aragão e. *Brasil e Argentina e a política das grandes potências*. 1990, p. 67.

⁶ RAMÍREZ, Gabriel. *El factor militar*: 1988, p. 135.

⁷ Devagar.

⁸ Segundo Luis Costa Bonino, no livro *Crisis de los partidos tradicionales y movimiento revolucionario en el Uruguay*, a esperança de um golpe contra a corrupção recai sobre um homem que não era político profissional. Para o autor, o principal argumento político de Oscar Gestido era o de ser um homem honrado com reputação de bom administrador. Essa busca ao oposto dos políticos tradicionais era o reconhecimento da degradação política que haviam realizado os gestores atuais.

Apesar de sua vocação legalista e democrática, o General Oscar Gestido decretou pela primeira vez neste período, as *medidas de pronta seguridad*⁹.

Essa espécie de estado de sítio que suspendeu os direitos individuais dos cidadãos estava prevista pela Constituição uruguaia nos casos graves e imprevistos de ataque exterior ou comoção interna. A Assembléia Geral deveria ser comunicada no máximo 24 horas após a tomada da medida. Em 23 de outubro, as MPS foram levantadas, ao mesmo tempo em que o país apelou mais uma vez ao FMI. O General Gestido não teve tempo de avaliar essa decisão, pois morreu vitimado por um ataque cardíaco em 06/12/1967.

Sinais inequívocos de uma caminhada rumo à ditadura apareceram no início do governo de Jorge Pacheco Areco. O deputado, sem grande expressão e antigo lutador do boxe, não era a primeira opção dos Colorados para fechar a chapa com o General Oscar Gestido para o pleito de 1966.

A mudança de estilo e estratégia apresentados pelo novo Presidente, ficou clara apenas seis dias após sua posse. Nas ruas, a violência policial assumia proporções inéditas. Nos festejos do dia do Trabalho, a cavalaria investiu contra os manifestantes com sabres e gás lacrimogêneo.

Os tempos sombrios vividos pelos uruguaios, a partir do governo Areco, foram acompanhados de perto pelas lentes de González. Naquele período ele trabalhava sem folga em um jornalismo que classifica como engajado. Contra metralhadoras e sabres, o *Gallego* usava apenas a máquina fotográfica que registrou a maior parte das manifestações de rua de um dos períodos mais conturbados da história uruguaia. Como proteção contava apenas com as pernas: “Ellos siempre corrieron detrás de mí pero no había manera de agarrarme. Yo era más veloz que ellos. Siempre fui muy veloz”¹⁰.

O país começava a conviver com sua “ditadura constitucional”. Ela garantia a marcha do Executivo, lentamente, até a imposição de seu projeto de governo e sociedade.

O programa era baseado na propriedade privada; na livre concorrência; em investimentos externos; no princípio da autoridade e na ausência de toda oposição. Como consequência direta, havia a necessidade de eliminação dos mecanismos democráticos que se opunham aos seus planos.

Sob este aspecto, 12/08/1968 surgiu como um marco. Nesse dia, uma manifestação de rua contra o aumento nas passagens de ônibus, tema geralmente tratado pela editoria de geral ou pelo informe econômico dos diários, ocupou espaço nas páginas policiais. O estudante Liber Arce foi morto em um choque com a polícia no centro de Montevideú. O crime tomou conta das páginas dos jornais, entre eles *El Popular*, cujas lentes atentas de Aurélio González não deixaram de lado qualquer momento no fato que chocou a sociedade uruguaia.

São várias as respostas que explicam porque a democracia deu lugar a uma das ditaduras mais fechadas da América Latina. A esquerda sustentava que o maior problema era o imperialismo, especialmente o americano, cujo sinal mais forte era as operações da CIA na região. Para direita, o problema era a radicalização dos sindicatos e o surgimento da guerrilha urbana, representada pelos Tupamaros. Para ambos, a queda das instituições relacionou-se à incapacidade dos políticos de enfrentarem ou resolverem os problemas da crise econômica que atingiu o país a partir da metade da década de 50.

É importante considerar, no entanto, que não foram apenas os partidos tradicionais, com sua falta de alternativas, os únicos responsabilizados pelo que aconteceu no Uruguai. A esquerda também é apontada como responsável, tendo falhado na missão de manter o funcionamento normal das instituições.

“Por un lado la izquierda clandestina al aceptar la violencia y desarrollar la lógica de la guerra, elementos de primer orden en la legitimación de las intervenciones militares. Por otro lado, la izquierda legal con su vieja costumbre de privilegiar los factores socio-económicos sobre los factores políticos, ofreciendo así un regalo a planes intervencionistas de los militares”¹¹.

Outro aspecto a ser considerado é a subversão, concebida como um fato bélico, mesmo com características diferentes das guerras convencionais. O discurso dos quartéis manifestava repúdio a

⁹ O motivo alegado pelo governo para decretação das *medidas de pronta seguridad* em outubro foi a crescente agitação popular ante a inflação descontrolada que chegou a 135%. A medida de Gestido foi responsável por uma grande crise no governo que levou ao pedido de demissão de pelo menos 4 ministros. NAHUM, Benjamin. *Manual de historia del Uruguay 1903-1990*. 1999, p. 266.

¹⁰ Depoimento prestado ao autor, em 09 de abril de 2006, Montevideú.

¹¹ NAHUM, Benjamin. *Manual de historia del Uruguay 1903-1990*. 1999, p. 65.

todos os atos de terrorismo. Tal fato ficava evidente na declaração divulgada em reunião dos ministros militares no Clube Naval, em agosto de 1972:

“Nosotros repudiamos a la subversión que empuña las armas para asesinar cobardemente, la que expolia la economía nacional, la que usurpa el producto de su trabajo, la que propende la corrupción moral, administrativa y política”¹².

A declaração do estado de guerra interna fez com que o estado de “ditadura constitucional” se tornasse cada dia mais inconstitucional. Para Sierra, a situação agravou-se com a chegada definitiva da “ley de seguridad del estado”:

“La aprobación en julio de la severísima ley de seguridad del estado, también inconstitucional en muchos de sus artículos, agrava esta situación al quitarle al poder judicial civil prácticamente toda injerencia en los delitos de importancia para la suerte del estado. Además, en nombre de la guerra contra delincuentes que amenazan la patria, tanto las fuerzas armadas como el poder político aceptan los métodos sucios”¹³.

Em 1972 já sob a presidência de Juan Maria Bordaberry, ainda eleito diretamente, consolida-se o avanço definitivo das Forças Armadas sob o poder.

No dia 9 de fevereiro de 1973, se ainda havia alguma dúvida sobre a participação direta dos militares nas decisões sobre os destinos do país, ela se dissipou com a publicação do Comunicado número 4. Em sua exposição de motivos, o documento informava:

“Los mandos militares conjuntos del Ejército y Fuerza Aérea, ante al crisis que afecta el país, y a los efectos de despejar hasta la última duda que pueda existir en el espíritu de todos los uruguayos sobre las causas que la han ocasionado, sienten el deber moral de informar lo siguiente”.

Ressaltando que os militares, em todos os níveis, tomaram consciência plena da problemática que afetava o Uruguai, determinaram a importância de restabelecer inequivocadamente as metas a alcançar. Elas estavam expostas em uma série de objetivos, entre os quais destacamos:

- “Establecer normas que incentiven la exportación, estimulando los productores cuya eficiencia y nivel de calidad permita colocar la mercadería en plazas del exterior, a precios competitivos.
- Reorganización del servicio exterior. Velar porque sólo sean designados en representación de la República, a todos los niveles, personas que procedan no sólo con entusiasmo y dedicación, sino que ostenten una moral acrisolada.
- Eliminar la deuda externa opresiva, mediante la contención de todos aquellos gastos de carácter superfluo.
- Erradicación del desempleo y la desocupación mediante la puesta en ejecución coordinada de planes de desarrollo que utilicen el máximo de mano de obra nacional.
- Atacar con la mayor decisión y energía los ilícitos de carácter económico y la corrupción donde se encuentre.
- Reorganización y racionalización de la administración pública y el sistema impositivo de modo de transformarlos en verdaderos instrumentos de desarrollo con el mínimo esfuerzo para el erario público.
- Redistribución de la tierra buscando la máxima producción por hectárea.
- Creación, fomento y defensa de nuevas fuentes de trabajo, y el desarrollo de la industria en base a las reales posibilidades y necesidades nacionales.
- Extirpar todas las formas de subversión, que actualmente padece el país.
- Asegurar la intervención o la representación de las fuerzas armadas en todo organismo actividad que tenga relación con aspectos concernientes a la seguridad y soberanía nacional.
- Realizar los mayores esfuerzos, a fines de canalizar la mayor cantidad posible de ingreso nacional fortaleciendo la capacidad productiva de toda la población y aumentando simultáneamente el ahorro.
- Establecer disposiciones que permitan combatir eficazmente los monopolios.

¹² AMARILLO, María del Huerto. *El ascenso al poder de las Fuerzas Armadas*. 1988, p. 32.

¹³ SIERRA, Gerónimo de. *Sociedad y política en el Uruguay de la crisis*. 1985, p. 33.

- Apoyar a través de una política crediticia adecuada aquellos sectores de la economía que se estiman prioritarios, dando preferencia a los medianos y pequeños empresarios y las cooperativas de producción.
- Aceptar una inflación medianamente controlada. Mantener a las fuerzas armadas al margen de los problemas sindicales y estudiantiles”¹⁴.

A ambigüidade e grande habilidade tática destes comunicados destinados, tanto às forças castrenses, como aos movimentos políticos e à opinião pública, se revelaria de primordial importância na neutralização relativa das oposições políticas nessa fase do avanço militar. Na verdade, preocupações com emprego; com a distribuição mais racional da terra; com o combate aos monopólios a fim de favorecer a máxima dispersão da propriedade; com o controle público da produção, oferecendo maior apoio a médios e pequenos produtores e empresários; pareciam sair de um documento assinado com a mão esquerda.

Os termos populistas, praticamente as bandeiras dos principais grupos e partidos de esquerda, foram imediatamente apoiados por vários setores da oposição o que criou grandes expectativas em relação aos artigos considerados mais progressistas. Com seu apoio, a própria classe política e às representações de trabalhadores, como a CNT, que enxergava vários pontos em comum entre seus objetivos e os principais pontos dos comunicados, assinaram uma espécie de cheque em branco para os militares¹⁵.

O Partido Comunista Uruguaio apoiou deixando clara sua posição em editorial de El Popular, publicação oficial da sigla partidária:

“El problema no es el dilema entre poder civil y poder militar, que la divisoria es entre oligarquía y el pueblo. Dentro de esto caben indudablemente todos los militares patriotas que están con la causa del pueblo para terminar con el dominio de las roscas oligárquicas. Las Fuerzas Armadas deben reflexionar sobre este hecho: los marxistas, los comunistas integrantes de la gran corriente del frente amplio, estamos de acuerdo en el esencial con las medidas expuestas por las fuerzas armadas como salidas inmediatas para la situación que vive la República, y por cierto incompatibles con la ideología de la clase obrera y sin perjuicio de nuestros ideales finales de establecimiento de una sociedad socialista. Hoy como siempre creemos que para esta obra de auténtica recuperación nacional se necesita el esfuerzo de todos los orientales honestos, sin distinción de civiles y militares, con la única determinación de ser patriotas y creer en el pueblo”¹⁶.

Um dia depois foi publicado o comunicado número 7. A ambigüidade e grande habilidade tática destes comunicados destinados, tanto às forças castrenses, como aos movimentos políticos e à opinião pública, se revelaria de primordial importância na neutralização relativa das oposições políticas nessa fase do avanço militar. Na verdade, preocupações com emprego; com a distribuição mais racional da terra; com o combate aos monopólios a fim de favorecer a máxima dispersão da propriedade; com o controle público da produção, oferecendo maior apoio a médios e pequenos produtores e empresários; pareciam sair de um documento com conotações esquerdistas.

Os termos populistas, praticamente as bandeiras dos principais grupos e partidos de esquerda, foram imediatamente apoiados por vários setores da oposição o que criou grandes expectativas em relação aos artigos considerados mais progressistas. Com seu apoio, a própria classe política e às representações de trabalhadores, como a CNT, que enxergava vários pontos em comum entre seus objetivos e os principais pontos dos comunicados, assinaram uma espécie de cheque em branco para os militares que aproveitaram para descontá-lo três meses depois.

UM PAÍS NA ESCURIDÃO

Quarta feira, 27 de junho de 1973, 5h30min: fazia frio na madrugada de Montevideu, quando uma rede nacional de rádio e televisão difundiu o decreto 464 do Executivo. O documento assinado pelo Presidente Juan Maria Bordaberry e pelos Ministros do Interior, Néstor Bolentini, e da Defesa, Walter Ravenna determinava entre outras medidas:

- 1) “Decláranse disueltas las Cámaras de Senadores y la Cámara de Representantes

¹⁴ CERES, Hugo. *Uruguay hacia la dictadura. 1968-1973*. 1999, p. 100-101.

¹⁵ LESSA, Alfonso. *Estado de guerra*. 1996, p. 102.

¹⁶ LESSA, Alfonso. *Estado de guerra*. 1996, p. 168.

- 2) Créase un Consejo de Estado, integrado por los miembros que oportunamente se designarán, con la siguientes atribuciones:
 - a) desempeñar independientemente las funciones específicas de la Asamblea General;
 - b) controlar la gestión del Poder Ejecutivo relacionadas con el respeto de los derechos individuales de la persona humana y con la sumisión de dicho poder a las normas constitucionales y legales;
 - c) elaborar un anteproyecto de Reforma Constitucional que reafirme los fundamentales principios democráticos y representativos, a ser oportunamente plebiscitado por el Cuerpo Electoral
- 3) Prohíbese la divulgación por la prensa oral, escrita y televisada de todo tipo de información, comentario o grabación que directa o indirectamente mencione o se refiera a los dispuesto por el presente decreto, atribuyendo propósitos dictatoriales al Poder Ejecutivo, o pueda perturbar la tranquilidad y el orden públicos.
- 4) Facúltase a las Fuerzas Armadas y Policiales a adoptar las medidas necesarias para asegurar la prestación ininterrumpida de los servicios públicos.
- 5) Comuníquese”.

Às 18h, as portas do Congresso foram lacradas, colocando um ponto final a 100 anos de civilismo uruguaio.

A escalada rumo à ditadura total foi percebida por González que já naquela época sabia a importância de manter documentados tempos tão obscuros para América Latina:

“Cuando ya estaba viniendo el Golpe de Estado Eduardo Viera, director del Popular me dijo conviene que vayas escondiendo las fotos de nuestro archivo”. Mi respuesta fue: “no se preocupe don Eduardo, ya lo hice”¹⁷.

Na contramão do golpe, encontrava-se a resistência organizada pela CNT. Na realidade, o golpe de estado de março de 1964 no Brasil serviu como alerta para os trabalhadores uruguaios sobre a forma como deveriam agir, caso ocorresse algo semelhante no país. Durante 15 dias, eles promoveram uma greve geral como forma de pressão para reverter o quadro político instalado.

Desde o princípio da greve, que tomou conta das principais cidades do país, como *Paysandú* e *Salto*, os trabalhadores efetuaram a ocupação das fábricas para evitar que a tomada do local por militares pudesse representar a volta à normalidade do trabalho. Levado com determinação, o movimento foi um imediato protesto popular generalizado, cuja envergadura, combatividade e significado político causaram certa surpresa ao governo cívico-militar¹⁸.

Comunista convicto, jornalista engajado, González, arriscando-se à forte repressão desencadeada por policiais e militares, concluiu que seria mais útil ao movimento indo para as ruas do que permanecendo na ocupação na redação de *El Popular*.

“Yo entendí que ocupando na hacía nada. Yo soy fotógrafo y como tal pensé. La verdad que aquí no hago nada. Qué hago aquí mirando el techo? Yo tengo que registrar lo que está pasando afuera. Así que me dije: La cuestión es ocupar, pero las cosas están transcurriendo en la calle. Es ahí donde está ocurriendo la historia, en las fábricas ocupadas, en los talleres, en los hospitales. Yo me voy a registrar la historia, y me agarré y me fui”.

Ao ser reconhecido pelos trabalhadores do setor de transportes aos gritos de “Es el fotógrafo de *El Popular*. Es el fotógrafo de *El Popular*. CNT y Libertad, CNT y Libertad, Aurélio avaliou o acerto de sua iniciativa. Por todos os cantos, em todas as fábricas que o fotógrafo visitava transformou-se em um porta-voz que trazia as notícias do que estava ocorrendo na cidade tomada pelas forças militares (VOCES, Frente Amplio, 27/10/2005).

No início, a greve conseguiu trazer os militares para negociação. Ela foi rompida no dia 29 quando o Ministro do Trabalho, Coronel Bolentini, exigiu a volta às atividades. O dia seguinte marcou o início da repressão contra o movimento, baseada na dissolução da CNT e nas ordens de prisão de pelo menos 52 líderes sindicais. A perda gradativa da força de mobilização fez com que os trabalhadores optassem pelo fim do movimento no dia 11 de julho. A avaliação dos grevistas foi que,

¹⁷ Depoimento prestado ao autor, em 08/04/2006, Montevideu.

¹⁸ REYES, Abadie et al. *A cronica general del Uruguay*. 1985, p. 46.

em circunstâncias como as daquele momento, se a greve tivesse continuado, acabaria por enfraquecer os setores sindicais, consolidando a força do inimigo¹⁹.

Durante a greve geral, em 9 de julho, a redação de El Popular, localizada na principal avenida de Montevideu, foi invadida por tropas do Exército. O local foi destruído e pelo menos 135 jornalistas presos. Mais uma vez o *Gallego* conseguiu escapar e esconder no décimo-segundo andar do prédio todos os rolos de filmes batidos desde o dia do golpe. El Popular foi apenas um das dezenas de publicações fechadas pela ditadura. Ameaçado e perseguido González viveu algum tempo discretamente como fotógrafo particular. Chegou a vender meias nas ruas, mas, quando a sobrevivência tornou-se insuportável devido às perseguições, exilou-se na Embaixada do México em um episódio que mais uma vez deixou sua marca cinematográfica. Vestido de pintor de paredes jogou-se sobre um incrédulo diplomata na porta da representação diplomática. Junto carregava as fotos da resistência uruguaia ao golpe através da greve geral. Para trás ficaram aproximadamente 35 mil negativos que contavam a história do Uruguai e da América Latina entre 1957 e 1973.

AS LENTES QUE NÃO SE CALAM

Após permanecer no México, vinte meses, a partir de setembro de 1976, González optou pelo exílio europeu onde acreditava ser mais conveniente denunciar os problemas dos presos políticos. Primeiro foram dois anos em Madri. Depois se mudou para Amsterdã onde viveu entre 1979 e 1982, quando retornou para Espanha, desta vez em Barcelona onde morou até 1985 voltando então definitivamente para o Uruguai.

“Nosotros trabajamos mucho por la solidaridad, por denunciar la dictadura y por la libertad de los presos. Tanto en México como en Ámsterdam o en Lisboa, montábamos exposiciones con las fotos. También nos llegaban fotos del interior de los cuarteles con gente colgada, y allí las exponíamos”²⁰.

A eficácia do trabalho em nome da solidariedade realizado por González e um grupo de exilados com o apoio de estrangeiros, como sua mulher, a holandesa Rinche, pode ser medido pelos resultados obtidos. Na Holanda, um abaixo-assinado pela liberdade de presos políticos colheu mais assinaturas do que em qualquer outra parte do mundo:

“No estoy hablando de que esto fuera proporcional al número de habitantes, digo que recolectamos más firmas que en cualquier otro sitio del mundo”²¹.

A pressão internacional, a mobilização de milhares de uruguaios no exterior e no próprio país, as negociações entre políticos e Forças Armadas levaram ao acordo que devolveu as eleições diretas ao Uruguai. A vitória de Julio Maria Sanguinetti, do Partido Colorado, tranquilizou os militares em relação à possibilidade de revanchismo. O novo Presidente assumiu em fevereiro de 1985, e como que homenageando o sol que marca sua bandeira, o Uruguai fez valer, depois de anos de sombras, sua vocação democrática.

Independente da discussão se o poder foi devolvido pelos militares ou obtido pela mobilização popular, o certo é que, a partir da posse de Sanguinetti, em 1985, a ditadura acabou na prática. Presidente e Parlamento, eleitos pelo povo, assumiram. Em março, uma anistia libertou todos os presos políticos. O Parlamento voltou a votar leis, o Presidente a promulgar. O Ministro da Defesa transmitia ordens e as Forças Armadas obedeciam.

Aurélio González foi um dos milhares de uruguaios que retornaram para o país, mas o sonho de ter nas mãos o acervo de fotos de El Popular teve que esperar longos 33 anos para se concretizar.

LA UNICA LUCHA QUE SE PIERDE ES LA QUE SE ABANDONA

De volta ao Uruguai o fotógrafo voltou ao prédio de El Popular onde tinha escondido os negativos. A esperança de reencontrá-los foi soterrada por uma reforma no edifício. Trinta e três anos depois, em março de 2006, uma pessoa que não quis se identificar trouxe uma pista. Durante a reforma, um operário localizou o material, mas, com medo de represálias, escondeu-o em outro lugar do mesmo prédio. Uma ação clandestina, mais uma vez digna das páginas de ficções, levou o Gallego hoje

¹⁹ LERIN, François et al. *Historia política de la dictadura uruguaya. 1973-1980*. 1987, p. 19-22.

²⁰ Depoimento prestado ao autor, em 17/03/2006, Montevideu.

²¹ Depoimento prestado ao autor, em 29/03/2006, Montevideu.

conhecido por colegas e amigos também como El Tigre e três companheiros a invadirem uma garagem. Depois de algumas horas de uma complicada operação, na qual foram usados mastros de PVC com imãs nas pontas realizaram um sonho. As latas com filme foram puxadas com os imãs revelando um “tesouro” com mais de trinta mil negativos de um período de grande efervescência política, social e cultural do Uruguai e de outros países da América Latina.

As mesmas ruas e avenidas que foram cenário de tanta violência celebram agora a amizade. A recuperação das fotos reaproximou antigos companheiros de luta pelas páginas de El Popular que finalmente podem abraçar o passado, conforme explica o antigo repórter da publicação, o jornalista e ex-presos político Rodolfo Porley:

“Hasta ahora no podía abrazar ese pasado porque estaba ligado a muchas tristezas y frustraciones. Ahora con la alegría del triunfo de los hallazgos documentales, es un pasado que queremos compartir con todo el país, con nuestras hijas e hijos, a nuestros hermanos, los latinoamericanos y al mundo”²².

Ao tirar lata por lata do interior dos dutos onde foram guardadas, Aurélio González lembrou em meio à emoção:

“Aquí dentro de esta pared quedó guardada durante 33 años, aquellos 18 años de historia registradas en el diario. Y cuando salían esas reliquias, era mucho mas que si fueran moneadas de oro, eran la historia viva de este país, que había sido reprimida y deformada”²³.

O velho fotógrafo espanhol em suas andanças mostrou com coragem, honestidade e engajamento o papel de parte de uma imprensa que esteve ao lado do povo sem se curvar aos poderosos de plantão. Jornalistas como Aurélio González, ao preservarem a história, fazem a história, porque nunca abdicaram de seus sonhos, mesmo os considerados impossíveis afinal, como já disse o cineasta argentino Fernando Birri:

“A utopia está no horizonte. Me aproximo dois passos e ela se afasta dois. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos para trás. Por mais que eu caminhe jamais a alcançarei. Então para que serve a utopia? Para isso, ela serve para caminhar.”

Aurélio González Salcedo é um daqueles homens para quem a caminhada nunca termina.

BIBLIOGRAFIA

ALFONSO, Alvaro. *El revés de la trama. La historia secreta de la salida de la dictadura*. Montevideo: Fin de Siglo, 2001.

AMARILLO, Maria. *El ascenso al poder de las fuerzas armadas*. Montevideo: Arca, 1988.

ARAGÃO, Frota; SILVEIRA, Luciana. *Brasil-Argentina e a política das grandes potências. 1944-1995*. São Paulo: Biblioteca de Pesquisa e Cultura, 1990.

AROCENA, R. et al. *El futuro: destino o tarea?* Montevideo: Fesur, 1998.

BONINO, Luis Costa. *Crisis de los partidos tradicionales y movimiento revolucionario en el Uruguay*. Montevideo: Ediciones de La Banda Oriental, 1984.

BORDABERRY, Juan Maria. *Las opciones. Montevideo*. Rosgal, 1980.

BORDABERRY, Juan Maria *La contradictoria experiencia uruguaya*. Madrid: Razón Española, 1984.

BRUSCHERA, Oscar. *Las décadas infames. Analisis políticas*. Montevideo: Linardi y Risso, 1986.

CAETANO, Gerardo; RILLA, Jose. *Breve historia de la dictadura. Montevideo*. Ediciones de la Banda Oriental, 1991.

CERES, Hugo. *Uruguay hacia la dictadura. 1968-1973*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1999.

CLAPS, Manuel. Batlle. *Montevideo: Ediciones de la Casa de Estudiante*, 1979.

DE SIERRA, Gerónimo (coord.). *Los pequeños países de América Latina en la hora neoliberal*. Caracas: Nueva Sociedad, 1984.

DE SIERRA, Gerónimo. *Sociedad y política en el Uruguay de la crisis*. Montevideo: Librosur, 1985.

DIAZ, Universindo. *Los sectores populares en el Uruguay del novecientos*. Montevideo: TAE, 1994.

²² Depoimento prestado ao autor, em 17/03/2006, Montevideo.

²³ Depoimento prestado ao autor, em 17/03/2006, Montevideo.

- FERNÁNDEZ, Wilson. *El gran culpable. La responsabilidad de los Estados Unidos en el proceso militar uruguayo*. Montevidéo: Atenea, 1995.
- FIALHO, Veiga. *Uruguai: Um campo de concentração*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- FREGA, Ana et al. *Baldomir y la restauración democrática. (1938-1946)*. Montevidéo: Ediciones de la Banda Oriental, 1987.
- GERARDO, Caetano; RILLA, José. *Breve historia de la dictadura*. Montevidéo: Ediciones de la Banda Oriental, 1991.
- GITLI, Ediuardo et al. *La caída de la democracia. Las bases del deterioro institucional. 1966-1973*. Montevidéo: Ediciones de la Banda Oriental, 1987.
- LERIN, François; TORRES, Cristina. *Historia política de la dictadura uruguayo. 1973-1980*. Montevidéo: Ediciones de la Banda Oriental, 1987.
- LESSA, Alfonso. *Estado de guerra. De la gestión del golpe de 73 a la caída de la democracia*. Montevidéo: Fin de Siglo, 1996.
- LEV, Leon et al. *La huelga general. El 9 de julio. El asalto a el Popular*. Montevidéo: Popular, 1990.
- LIEUWEN, E. *Militarismo e política na América Latina*. Rio de Janeiro: Zahar, 1964.
- NAHUM, Benjamín et al. *El fin del Uruguay liberal*. Montevidéo: Ediciones de la Banda Oriental, 1997.
- NAHUM, Benjamín. *Manual de historia del Uruguay*. Montevidéo: Ediciones de la Banda Oriental, 1999.
- PANIZZA, Francisco. *Uruguay: Batllismo y después. Pacheco, militares y Tupamaros en la crisis del Uruguay Batllista*. Montevidéo: Ediciones de la Banda Oriental, 1990.
- RAMA, Gérman. *La democracia en el Uruguay. Una perspectiva de interpretación*. Montevidéo: Arca, 1989.
- REYES, Abadie; VAZQUEZ, Romero. *La crónica general del Uruguay*. Montevidéo: Ediciones de la Banda Oriental, 1985.
- RICO, Alvaro et al. *La caída de la democracia. Cronología comparada de la historia reciente del Uruguay. 1967-1973*. Montevidéo: Fundación de Cultura Universitaria, 1991.
- SCOTT, Myers. *Los años oscuros*. Montevidéo: Editorial Latina, 1979.
- SENDIC, Raul. *La tierra, la banca y la deuda externa*. Montevidéo: TAE, 1986.
- SERE, Alvaro Pacheco. *La identidad nacional y el poder político*. Montevidéo, 1987.
- TRINDADE, Hégio (org.). *América Latina. Eleições e governabilidade democrática*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1991.
- VAGNER, M. *El país modelo*. Montevidéo: Ediciones de la Banda Oriental-Arca, 1983.
- ZUM, Felde Alberto. *Proceso histórico del Uruguay*. Montevidéo: Maximino Garcia, 1919.